
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL

NAIÂNE LAIZE JAGNOW

**A VISIBILIDADE DO JORNALISMO AMBIENTAL NOS JORNAIS
PONTA-GROSSENSES**

**PONTA GROSSA
2020**

NAIÂNE LAIZE JAGNOW

**A VISIBILIDADE DO JORNALISMO AMBIENTAL NOS JORNAIS PONTA-
GROSSENSSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal).

Orientadora: Prof^a. Dra. Giovana Montes Celinski

PONTA GROSSA

2020

NAIÂNE LAIZE JAGNOW

**A VISIBILIDADE DO JORNALISMO AMBIENTAL NOS JORNAIS PONTA-
GROSSEENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Santa Amélia - UNISECAL.

Banca Examinadora:

Prof. Orientador
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca

Ponta Grossa, 25 de novembro de 2020.

RESUMO

Diante da crescente importância da temática ambiental para a sociedade, o presente trabalho busca analisar a visibilidade das pautas de meio ambiente em dois jornais ponta-grossenses, o *Diário dos Campos* e o *Jornal da Manhã*. O artigo inicia abordando a conceitualização do termo Jornalismo Ambiental e Meio Ambiente, além de ponderar as deficiências da cobertura jornalística nacional e como isso pode refletir na cobertura jornalística local da temática. O referencial teórico apresenta uma discussão sobre jornalismo especializado e as especificidades do Jornalismo Ambiental e como o meio ambiente está presente na agenda midiática, além de abordar as síndromes que a cobertura desta área apresenta. Na parte dos procedimentos metodológicos, o trabalho segue a perspectiva metodológica da Análise de Conteúdo, em que foi definido que o estudo observará o número de notícias de temática ambiental por veículo, o tamanho dessas notícias, as chamadas de capa, a distribuição por editoriais, a autoria, as temáticas e a frequência. Ao todo, 20 edições foram analisadas e dois recortes de tempo foram feitos. O primeiro recorte foi do dia 4 a 8 de fevereiro de 2020 e o segundo do dia 2 a 6 de junho de 2020. Por fim, na análise foi identificado como está a visibilidade do Jornalismo Ambiental em Ponta Grossa.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental. Ponta Grossa. Meio Ambiente. Jornalismo especializado.

ABSTRACT

Due to the importance of environmental issues for society, this article analyzed the visibility of environmental guidelines in two newspapers of Ponta Grossa, *Diário dos Campos* and *Jornal da Manhã*. The article addresses the conceptualization of the term Environmental Journalism and the Environment, and considered the deficiencies of national news and how this can reflect on the local news coverage of the topic. The theoretical framework presents a discussion on specialized journalism and how the environment is present in the media agenda and also addressed the syndromes of this area presents. In terms of methodological procedures, the work follows the methodological perspective of Content Analysis, in this phase it was defined that the study will observe the number of news on environmental issues per vehicle, the size of such news, the cover stories, the distribution by editorials, the authorship, the themes and the frequency. In all, 20 editions were analyzed and two time cuts were made. The first cut was from 4 to 8 February 2020 and the second from 2 to 6 June 2020. Finally, in the analysis it was identified how is the visibility of Environmental Journalism in Ponta Grossa.

Keywords: Environmental Journalism. Ponta Grossa. Environment. Specialized journalism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de notícias por veículo	20
Tabela 2 – Tamanho das notícias por veículo.....	20
Tabela 3 – Número de chamadas com temas ambientais	21
Tabela 4 – Matérias distribuídas por editoria.....	21
Tabela 5 – Autoria das notícias	22
Tabela 6 – Temáticas das notícias.....	22
Tabela 7 – Frequência das notícias	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO AMBIENTAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	11
3 MEIO AMBIENTE E AGENDA MUDIÁTICA	13
4 AS SÍNDROMES DO JORNALISMO AMBIENTAL	15
5 METODOLOGIA	17
6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NOS JORNAIS PONTA-GROSSENSES	19
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

Conforme o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), desde janeiro até setembro de 2020 houve um aumento de 195% no número de queimadas no Pantanal comparando com o mesmo período de 2019. Ainda de acordo com o Inpe, os incêndios na Amazônia apresentaram alta de 61% em comparação com 2019.

Dessa forma, as queimadas e as temáticas ambientais estão pautando meios de comunicação em todo o país. Diante da importância deste tema, o presente trabalho buscou fazer uma análise de como o Jornalismo Ambiental está presente, ou não, nos dois principais jornais impressos de Ponta Grossa: o *Jornal da Manhã* e o *Diário dos Campos*.

Para investigar esse objeto de estudo, é preciso primeiramente compreendê-lo. Para Bueno (2006, p.1), um dos principais desafios do Jornalismo Ambiental é justamente sua conceitualização. O jornalista descreve que as pessoas, assim como boa parte da imprensa, pensam que o meio ambiente é algo que está distante e cita como exemplo “[...] as florestas, os animais em extinção, a marcha dos pinguins”. Porém, de acordo com Fernandes (2017, p.3), o Jornalismo Ambiental pode ser entendido como uma vertente científica que pode abordar diversos temas, inclusive aqueles que estão próximos do cotidiano das pessoas:

[...] como poluição, destinação do lixo, saneamento básico, uso de agrotóxicos, cuidado com os animais, devastação de florestas, impacto de produções agrícolas ou industriais, mudanças climáticas, medidas de proteção à biodiversidade e consumo consciente de água e energia. Além disso, faz o acompanhamento de políticas públicas ligadas a essa área e de debates sobre licenciamento ambiental, bem como a cobertura de eventos que reúnem entidades de proteção ambiental ou representantes de diversos países para a discussão de medidas de conservação ambiental ou recuperação da biodiversidade (FERNANDES, 2017, p. 3).

Outro termo fundamental neste trabalho é o de “meio ambiente”. A conceitualização desta palavra pode sofrer alterações de acordo com a perspectiva de cada pesquisador, todavia para este estudo será utilizado o conceito apontado por Bueno (2007):

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc) (BUENO, 2007, p. 35).

Bueno (2006, p. 1) considera a cobertura midiática ambiental defeituosa e elenca alguns motivos do porque isso acontece: a) pautar temas distantes da realidade concreta, “[...] como se cada um de nós não impactasse o meio ambiente em todo lugar e a todo momento”; b) despolitizar o debate das questões ambientais, assim “[...] não percebe as conexões entre os problemas ambientais, o modelo de desenvolvimento econômico, o processo acelerado de globalização e o consumo desenfreado, estimulado, inclusive e principalmente, pelos meios de comunicação”; c) a fragmentação da produção jornalística por editoriais; [...] e que, por isso, enxerga a questão ambiental a partir de um olhar não abrangente.

O autor cita ainda os principais problemas a nível nacional:

A cobertura do meio ambiente no Brasil sofre, finalmente, de duas síndromes importantes: a da "branca de neve" e a da "erva daninha". A primeira diz respeito à necessidade que a mídia tem de um beijo de príncipe (um crime ambiental de porte) para acordar de sua omissão recorrente com a problemática ambiental. A segunda tem a ver com a adesão ao argumento da indústria de insumos que estigmatiza como praga tudo aquilo que não tem valor comercial (BUENO, 2006, p.1).

Se a cobertura a nível país pode ser considerada imperfeita, como coloca Bueno (2006, p.1), a hipótese deste trabalho é de que a nível local a situação não seja muito diferente. Por isso, esse trabalho buscou elucidar a seguinte questão: qual o espaço do Jornalismo Ambiental nos jornais ponta-grossenses?

Para ser feita esta análise, foram realizados dois recortes de tempo. O primeiro foi do dia 4 a 8 de fevereiro de 2020. Durante esse período, não houve nenhuma data comemorativa relacionada com o meio ambiente. O segundo recorte compreendeu o período do dia 2 a 6 de junho de 2020, quando aconteceu a Semana Mundial do Meio Ambiente, e, em tese, poderia ter uma produção maior de notícias relacionado ao tema.

Os jornais que constituíram o objeto de estudo deste trabalho foram escolhidos para a análise devido a sua relevância no município de Ponta Grossa e região. De acordo com informações disponibilizadas na *fanpage* do *Facebook* do veículo, o *Jornal da Manhã* foi fundado em 4 de julho de 1954 e circula de terça-feira a sábado, em 22 municípios dos Campos Gerais. A estimativa é que a circulação alcança 8.500 exemplares durante a semana e 10.500 exemplares aos fins de semana. Já o jornal *Diário dos Campos*, conforme informações disponibilizadas no site do veículo, foi fundado em 27 de abril de 1907. A edição impressa também

circula na região de terça-feira a sábado. A estimativa é que a circulação seja de 12.500 exemplares durante a semana e de 14.000 nos fins de semana.

Além da relevância desses jornais ponta-grossenses é preciso salientar a importância do campo jornalístico em si. De acordo com Bona (2017, p.39), o jornalismo possui o intuito de reportar, comunicar e informar o maior número possível de pessoas sobre o que está acontecendo na sociedade. Porém, “[...] além de informar, o jornalismo tem outras missões, como provocar a reflexão”. O tema escolhido para este trabalho tem relação com a importância desempenhada pelo Jornalismo Ambiental para a sociedade. De acordo com Bacchetta (2000, p. 18 apud LOOSE, 2010, p.33), esta área do jornalismo examina o efeito da atividade humana sobre o planeta e contribui para desenvolver a cidadania planetária:

Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e para a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária (BACCHETTA, 2000, p. 18 apud LOOSE, 2010, p.33).

Girardi (2018, p. 21) destaca a importância que o Jornalismo Ambiental exerce para a formação do cidadão, “[...] disponibilizando a este ferramentas para atuar na defesa de seus interesses e também dos interesses da sociedade”. A autora ainda defende a importância da área para “[...] imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões” (p.21).

Deste modo, fica evidente a importância do Jornalismo Ambiental para a sociedade, mas as especificidades deste tema e a forma em que esse campo é tratado em Ponta Grossa são os assuntos dos próximos tópicos.

2 JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO AMBIENTAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conforme Fernandes (2017, p.103), o Jornalismo Ambiental é uma especialização jornalística que está crescendo, “[...] especialmente em razão das crises provenientes do mau uso dos recursos naturais, como o aquecimento global e a escassez de água”.

Como o Jornalismo Ambiental pode ser considerado uma área especializada da atividade jornalística, é importante entender, primeiramente, o que é o Jornalismo Especializado e quais são os seus atributos.

Fernandes (2017, p.21) destaca que o Jornalismo Especializado apresenta algumas características fundamentais: a) foco, b) aprofundamento, c) linguagem diferenciada; d) profissionais especializados.

O foco possui relação com a pauta, que é direcionada “[...] a determinado tema ou a um público específico”. Enquanto o aprofundamento significa que a abordagem vai além do senso comum, “[...] contrárias à superficialidade do noticiário em geral”. No Jornalismo Especializado, a autora defende que acontece um uso maior de jargões e termos técnicos, por isso outra característica é a linguagem diferenciada. Por fim, a autora elenca que normalmente as produções são realizadas por jornalistas “[...] com maior domínio do tema”. Todavia, Fernandes (2017, p.21) diz que essas características nem sempre estão presentes na cobertura jornalística. Em redações enxutas, por exemplo, nem sempre é possível ter um profissional especializado em determinada área.

Rovida (2010) traz a seguinte definição de jornalismo especializado:

Jornalismo especializado faz parte do jornalismo de informação geral por se tratar de comunicação ampla e genérica, embora possa ser limitado por aspectos temáticos que imprimem certa singularidade na redação das notícias e até na abordagem dos temas noticiados. O jornalismo especializado, normalmente, se remete a uma editoria do jornalismo de informação geral, não sendo considerado um fenômeno ou modalidade a parte, mas uma característica do jornalismo de informação geral contemporâneo (ROVIDA, 2010, p. 65).

A jornalista Eloisa Beling Loose (2017, p. 106)¹ definiu o Jornalismo Ambiental como uma especialidade que busca tratar as pautas ambientais de forma mais

¹Em entrevista a Alessandra Lemos Fernandes. Disponível no livro *Jornalismo: especialização e segmentação*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

contextualizada, fazendo relações com diferentes aspectos, como o social, o político, o econômico, o cultural e o tecnológico:

Não seria simplesmente fazer a cobertura de pautas ambientais, mas enxergar as problemáticas do cotidiano sob o ponto de vista ambiental, evitando a fragmentação do fazer jornalístico diário, trazendo a pluralidade de vozes, aproximando a temática do leitor e comprometendo-se tanto com a qualidade da informação quanto com a mudança do pensamento em prol de uma verdadeira sustentabilidade (LOOSE, 2017, p. 106).

Dessa forma, pode-se entender que o Jornalismo Ambiental abrange diversas funções. Bueno (2007, p. 35) destaca três: a) função informativa; b) função pedagógica; c) função política.

Para Bueno (2007, p. 35) a função informativa possui relação com a necessidade de cada cidadão de estar bem informado sobre temas que abrangem as questões ambientais e os impactos de certas posturas sobre o meio ambiente “[...] e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida”. A função pedagógica busca mostrar caminhos e soluções para os problemas ambientais. Enquanto a função política, de acordo com Bueno (2007, p.36) mobiliza os cidadãos “[...] para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental.

Assim, é possível entender a importância de trazer a temática ambiental de maneira aprofundada, mas como isso realmente acontece nas redações é o tema do próximo tópico do artigo.

3 MEIO AMBIENTE E AGENDA MIDIÁTICA

Conforme Loose (2010, p. 29), o jornalismo tem dado atenção aos fatos ambientais, "[...] entretanto editoriais de política, economia e esportes costumam alavancar maiores equipes de profissionais e despertar maior interesse nos editores".

Ela destaca que a cobertura ambiental brasileira começou a ter mais destaque quando eventos ambientalistas de grande porte aconteceram no país, como as conferências internacionais Rio 92 e Rio+10. "Nesse período, ocorreu intenso debate na sociedade sobre temas de interesse do meio ambiente e a mídia mobilizou-se a favor da causa" (LOOSE, 2010, p.30).

A importância dessa conferência para o Jornalismo Ambiental foi destacada também por outros autores:

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio92, alçou a temática ambiental às agendas política, econômica, social e midiática. Pregando novas bases de desenvolvimento e novas relações econômicas, consolidou um movimento ambiental multissetorial (MIGUEL et al. 2015, p.192).

Por meio dessa conferência, a mídia foi pautada por diversos temas ambientais de relevância, "[...] como proteção da atmosfera e alterações climáticas, biodiversidade, biotecnologia, proteção e manejo de recursos da terra, degradação do solo, erradicação da pobreza e desenvolvimento urbano" (MIGUEL et al. 2015, p.192). Porém, os autores também destacaram que os veículos de imprensa priorizaram aspectos econômicos e políticos em vez dos aspectos científicos, "[...] que minimiza as discussões de grupos e movimentos sociais" (MIGUEL et al. 2015, p.202). Eles concluíram que "[...] uma das questões mais importantes a ser considerada na cobertura especializada em meio ambiente é a tendência midiática de vincular as temáticas ambientais às necessidades do e de mercado". (MIGUEL et al. 2015, p.215).

Para a Loose (2010), a valorização do meio ambiente na mídia brasileira passa por movimentos sazonais e reflete a posição secundária a qual o tema está inserido na agenda dos governantes, empresas e outros segmentos. Outra dificuldade é o sensacionalismo característico da imprensa brasileira:

O drama, o desespero, a perda, a dor e a esperança são elementos que sempre fizeram vender jornais e revistas. Portanto, os desastres ambientais

acabam por se mostrar uma bela oportunidade para arrecadar mais lucros e aumentar a visibilidade dos veículos (LOOSE, 2010, p.30).

Assim, conforme a autora, as pautas ambientais acabam tendo um enquadramento monocasual, em vez de enquadramentos que envolvem redes causais longas e complexas. Desse modo, é importante salientar também as deficiências do Jornalismo Ambiental, que serão discutidas no próximo tópico.

4 AS SÍNDROMES DO JORNALISMO AMBIENTAL

Bueno (2007, p. 37) aponta que o Jornalismo Ambiental sofre de cinco “síndromes”. A primeira síndrome, o jornalista chama de “a síndrome do zoom ou do olhar vesgo”, ele pontua que a fragmentação dos jornais em editoriais faz com que esse processo de segmentação seja levado também para as pautas ambientais, o que impede que elas tenham um caráter inter e multidisciplinar.

A segunda delas é chamada de “síndrome do muro alto”. Bueno (2007, p. 37) explica que essa deficiência possui relação com a despolitização do debate ambiental e a priorização da vertente técnica e a desqualificação de “[...] todos aqueles que veem a questão ambiental a partir de um cenário mais abrangente” (BUENO, 2007, p. 37).

A terceira síndrome está relacionada com a segunda, Bueno (2007, p. 37) chama ela de “lattelização das fontes”, que é a priorização ou redução das fontes para aquelas “[...] que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado” (BUENO, 2007, p. 37). Para o jornalista, isso traz uma falsa sensação de neutralidade. Bueno (2007, p. 37) enfatiza que o Jornalismo Ambiental, como qualquer outro campo do jornalismo, não deve se limitar ao pesquisador ou cientista, ou seja, é preciso ouvir também aqueles que estão “fora dos muros da Academia”.

A quarta síndrome é apontada como “indulgências verdes”. Bueno (2007, p. 38) faz um paralelo com a reforma protestante de 1517 feita por Martinho Lutero contra a venda do perdão dos pecados, ou seja, a venda das indulgências, para alcançar o céu. Neste caso, a “indulgência verde” é a prática do “marketing verde” feita por empresas que o jornalista chama de “predadoras”. Em uma tentativa de limpar sua imagem perante a opinião pública, essas empresas também promovem o que o autor chamou de “soluções cosméticas” para as questões ambientais. Bueno (2007) cita como exemplo o plantio de árvores para neutralizar as emissões de carbono enquanto estimula o modelo vigente que é insustentável, ou seja, aponta soluções simples para problemas muito mais complexos.

Por fim, o quinto problema é conhecido como “síndrome da baleia encalhada”. Bueno (2007, p. 38) novamente faz o uso de uma alusão para exemplificar essa deficiência do Jornalismo Ambiental. Desta vez, ele utiliza a imagem de uma “baleia encalhada” para dizer que é certamente um flagrante trágico da degradação ambiental e que os veículos gostam desta imagem impactante, mas não buscam

investigar o fenômeno que a originou. Dessa forma, o jornalista critica a cobertura esporádica e isolada que a mídia faz dos crimes ambientais.

Visto que o Jornalismo Ambiental possui importância para a formação de uma consciência planetária, mas que também sofre de inúmeros problemas de cobertura, é importante analisar como esta área se desempenha no âmbito do município de Ponta Grossa.

5 METODOLOGIA

Para verificar se a pauta ambiental está presente nos jornais pontagrossenses, foi realizada a análise e diagnóstico por meio do desenvolvimento de etapas diferenciadas. Além do levantamento bibliográfico feito sobre o tema relacionado, foram analisadas notícias do jornal *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*.

A pesquisa qualitativa e quantitativa seguiu a perspectiva metodológica da análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Conforme a autora, a análise de conteúdo organiza-se em torno de três etapas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise pode ser considerada o período de organização. Bardin (1979, p.95) destaca que essa fase possui três objetivos: "a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final". Nesta etapa, foi definido que os objetos de análise seriam o *Diário dos Campos* e o *Jornal da Manhã* e a hipótese inicial era de que a cobertura ambiental no município de Ponta Grossa poderia ser falha. Além disso, esse estudo também teve como objetivo observar se há visibilidade ambiental nesses jornais pontagrossenses.

É importante salientar que os jornais foram escolhidos devido a sua importância para o município de Ponta Grossa e para a região dos Campos Gerais. Afinal, o *Diário dos Campos* possui a circulação de 12.500 exemplares durante a semana e de 14.000 nos fins de semana. Enquanto o *Jornal da Manhã* estima que a circulação alcance 8.500 exemplares durante a semana e 10.500 exemplares aos fins de semana.

Na pré-análise, também foram definidos os critérios para a análise. Primeiramente, foram definidos dois recortes de tempo para a realização da pesquisa, do dia 4 a 8 de fevereiro de 2020 e do dia 2 a 6 de junho de 2020. Dessa forma, 20 edições foram analisadas ao todo. Após a realização desses recortes e seleções do objeto de estudo, outros parâmetros fizeram parte da investigação científica, a partir da elaboração das categorias de análise, que buscaram observar: o número de notícias de temática ambiental por veículo, o tamanho dessas notícias, as chamadas de capa, a distribuição por editoriais, a autoria, as temáticas e a frequência.

Outro fator importante e decisivo nesse momento foi definir os parâmetros para apreender quais notícias poderiam ser consideradas da área ambiental. Para isso, foi levado em conta a afirmação de Fernandes (2017, p.3) de que o Jornalismo Ambiental não é algo apenas distante, mas que trata também de temáticas ligadas ao cotidiano das pessoas, como a poluição, o descarte do lixo, habitação, situação da fauna e da flora, os impactos da agricultura e das indústrias, as mudanças climáticas, a conscientização sobre o uso de água e energia, assim como a cobertura da política e de eventos que abordam assuntos relacionadas a vida e seu entorno.

Após concluir essas definições, o próximo passo, seguindo as orientações metodológicas de Bardin (1979, p.101) foi a exploração do material. “A fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. Por fim, a última etapa, conforme a autora, foi o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” (BARDIN, 1979, p. 101). Nesta parte é que foi avaliado se a hipótese inicial seria confirmada: afinal, há visibilidade ambiental nos jornais de Ponta Grossa?

6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NOS JORNAIS PONTA-GROSSENSES

Por meio de uma observação sistemática inicial, foi constatado 29 notícias ou notas com temática ambiental no *Diário dos Campos* e no *Jornal da Manhã*. Ao todo, 20 edições foram analisadas, os períodos contemplados foram do dia 4 a 8 de fevereiro de 2020 e do dia 2 a 6 de junho de 2020. O primeiro recorte de tempo foi escolhido pois não há datas comemorativas relacionadas ao meio ambiente nesta época, assim é possível analisar se há frequência de pautas ambientais no cotidiano das redações. O segundo está relacionado com a Semana Mundial do Meio Ambiente, quando, em tese, poderia-se ter uma produção maior de matérias sobre o tema, tanto dos veículos de comunicação, como de Organizações Não Governamentais e outras instituições.

Para definir quais pautas eram ambientais, foi seguida a perspectiva de Fernandes (2017, p.3) de que o Jornalismo Ambiental está próximo do cotidiano das pessoas. Esse mesmo ponto de vista é apontado por Bueno (2007, p. 35), que considera como Jornalismo Ambiental as seguintes temáticas:

[...] o desenvolvimento e a proteção da fauna e da flora; a diversidade biológica ou biodiversidade; a poluição em suas várias formas (atmosférica, visual, sonora, etc.); as mudanças climáticas; as condições da água e do solo; o consumo consciente; a sociodiversidade, que prevê a relação do homem com o seu entorno; os resíduos domésticos e o lixo industrial; as condições de produção de alimentos (a agroecologia, os transgênicos e os aditivos alimentares, por exemplo); a produção, conservação e utilização de energia; as condições de habitação (favelização, edifícios doentes, etc.); as comunidades biológicas (os biomas e sua preservação); o crescimento e a regulação populacional; a embalagem (ecodesign) e a reciclagem; o saneamento e o tratamento de efluentes industriais; os agrotóxicos e os fertilizantes químicos em geral; a ocupação desordenada do solo urbano; o conhecimento e o saber das populações tradicionais e assim por diante (BUENO, 2007, p.35).

Dessa forma, foi observado que a cobertura ambiental é, quantitativamente, significativa nos jornais ponta-grossenses, registrando, ao todo, 29 notícias ambientais no período de duas semanas não consecutivas de cobertura jornalística, o que dá em média 2,9 notícias diárias. Porém, esse número pode parecer insignificante perto das 511 notícias analisadas nas 20 edições dos dois veículos. O número total de notícias ficou muito próximo um do outro, o *Diário dos Campos* lidera com apenas uma notícia na frente. Como pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 1 – NÚMERO DE NOTÍCIAS POR VEÍCULO

Veículos	Nº de notícias
Diário dos Campos	15
Jornal da Manhã	14
Total	29

As notícias, em sua maioria, apresentavam um formato médio. O *Diário dos Campos* foi quem publicou mais notícias acima de 2000 caracteres, enquanto o *Jornal da Manhã* liderou as notícias com tamanho médio (Tabela 2).

TABELA 2 – TAMANHO DAS NOTÍCIAS POR VEÍCULO

Tamanho*	Diário dos Campos	Jornal da Manhã
Grande	8	4
Médio	5	8
Pequeno	2	2
Total	15	14

*Grande = acima de 2000 caracteres. Médio = abaixo de 2000 e acima de 400 caracteres. Pequeno = abaixo de 400 caracteres.

Das notícias consideradas grandes, nenhuma ultrapassou os 3000 caracteres, ou seja, as notícias grandes ocupavam apenas meia página do jornal, ou menos que isso, juntamente com a foto. Isso reforça a crítica apontada por Loose (2010, p. 38) sobre a cobertura da mídia sobre as temáticas ambientais, quando afirma que “[...] o imediatismo e a corrida pelo 'furo jornalístico' limitam as possibilidades da construção de uma matéria contextualizada, deixando-as focadas apenas no evento, geralmente esporádico, ou nas consequências”.

As chamadas de capa indicam a relevância das notícias ambientais, que ao todo foram 10 (Tabela 3). Porém, vale ressaltar que dessas chamadas, apenas uma era manchete e foi publicada no *Diário dos Campos*. Mesmo assim, o número pode ser considerado expressivo visto que foram analisadas ao todo 20 edições de jornais.

TABELA 3 – NÚMERO DE CHAMADAS COM TEMAS AMBIENTAIS

Veículos	Nº de chamadas
Diário dos Campos	6
Jornal da Manhã	4
Total	10

Os dois jornais ponta-grossenses apresentam editorias com nomes diferentes, todavia possuem uma composição similar. Enquanto o *Diário dos Campos* é dividido em Política, Economia, Geral, Cidades e Esportes, o *Jornal da Manhã* é composto por Política, Dinheiro, Cotidiano e Bola. As matérias ambientais se concentraram principalmente nas editorias de Cidades/Cotidiano (Tabela 4).

TABELA 4 – MATÉRIAS DISTRIBUÍDAS POR EDITORIA

Editoria	Diário dos Campos	Jornal da Manhã
Cidades/Cotidiano	12	10
Geral	2	0
Política	1	2
Dinheiro/Economia	0	2
Total	15	14

Essa divisão por editorias demonstrou duas síndromes apontadas por Bueno (2007, p. 37): a) síndrome do zoom ou do olhar vesgo; b) lattelização das fontes. De fato, a divisão dos veículos por editorias afetou no foco da cobertura que também se tornou fragmentada em vez de adotar uma perspectiva inter e multidisciplinar. Sobre a lattelização das fontes, as notícias de economia, por exemplo, traziam apenas a visão de políticos e/ou empresários. Outra amostra desse problema pode ser visto também nas notícias de cidades/cotidiano quando a temática era policial, apenas as fontes oficiais da polícia foram ouvidas, ou seja, a população dificilmente foi consultada.

Quanto à autoria, em 13 notícias foi possível identificar a assinatura do repórter. Em nenhuma delas havia a informação de que o texto era de assessoria, porém, quando não foi possível identificar a autoria, pois não constava nenhuma assinatura, assim como aquelas que estão assinadas como “Da redação”, é possível notar que são notícias advindas de assessorias ou agências de notícias com recortes ou pequenas modificações. Assim, as matérias sem assinatura do repórter totalizaram em 16 notícias, o que ultrapassa o número da produção de material

próprio dos jornais (Tabela 5). Isso também pode ser identificado como um problema, pois, como aponta Bueno (2007, p. 38) ao explicar sobre as “indulgências verdes”, as empresas e outras instituições podem usar do “marketing verde” para benefício próprio e não para a busca de uma solução concreta para os problemas ambientais.

TABELA 5 – AUTORIA DAS NOTÍCIAS

Assinatura	Diário dos Campos	Jornal da Manhã
Repórter	10	3
Da redação	1	4
Assessoria	0	0
Autoria n.i.*	4	7
Total	15	14

*Autoria não identificada

Ao analisar a pauta ambiental é possível observar que ela é bastante diversificada nos jornais sob análise, entretanto nota-se uma preferência da mídia por pautas que envolvem animais. Nessas notícias analisadas, todos os casos tratavam de maus tratos a animais domésticos (gatos e cachorros). Outra pauta que ficou em evidência foi a habitação, nesta temática adentrou, por exemplo, notícias que tratavam de casos sobre zoneamento e saneamento básico. Na categoria ‘outros’ foram contabilizadas notícias diversas que não adentravam nos outros temas, como eventos ambientais e notícias de serviço da prefeitura (Tabela 6).

TABELA 6 – TEMÁTICA DAS NOTÍCIAS

Temas	Diário dos Campos	Jornal da Manhã	Total
Animais	3	3	6
Crime ambiental	1	0	1
Energia	1	2	3
Fenômenos	1	2	3
Habitação	4	1	5
Reciclagem/Lixo	2	2	4
Outros	3	4	7

Com relação à frequência, a primeira semana de fevereiro teve mais produções de notícias ambientais com 21 notícias. Na semana do meio ambiente apenas 12 publicações foram feitas sobre a temática. O *Jornal da Manhã*, apesar da redução das publicações ambientais de junho em comparação a fevereiro, manteve uma certa constância diária de notícias, enquanto o *Diário dos Campos* teve uma

certa discrepância, com mais publicações em fevereiro do que em junho. Em fevereiro, já havia notícias sobre o novo coronavírus, porém, em junho, foi possível notar a alta sobre essa temática, o que pode explicar a diminuição das pautas ambientais. Além disso, no *Diário dos Campos* também foi observado a troca de editor-chefe.

TABELA 7 – FREQUÊNCIA DAS NOTÍCIAS

Dia	Diário dos Campos	Jornal da Manhã	Total
04/02	2	2	4
05/02	5	1	6
06/02	2	3	5
07/02	3	3	6
08/02	0	0	0
02/06	1	0	2
03/06	0	2	3
04/06	1	1	3
05/06	1	1	3
06/06	0	1	1

Isso reforça a colocação de Loose (2010, p. 32) de que a agenda das pautas ambientais passa por sazonalidades. “O meio ambiente na mídia brasileira passa por movimentos sazonais, que refletem mais a posição secundária com a qual o tema tem se inserido na agenda de prioridades de governos, empresas e demais segmentos” (LOOSE, 2010, p. 32).

Dessa forma, pode-se dizer que a visibilidade do Jornalismo Ambiental em Ponta Grossa existe por mais que seja ínfima, porém a cobertura deste tema sofre com problemas relacionados ao pouco uso de fontes, falta de produção própria, olhar limitado e esporádico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo possui o objetivo tanto de informar, quanto de provocar a reflexão na sociedade. O Jornalismo Ambiental é uma especialização jornalística que está crescendo e está ancorado na missão de trazer informação e reflexão sobre a atividade humana sobre o planeta, além de contribuir para o desenvolvimento da cidadania planetária, como reforça Bacchetta (2000, p. 18 apud LOOSE, 2010, p.33).

Apesar da importância da temática ambiental, esta área apresenta deficiências na veiculação midiática, como se observou no referencial teórico deste estudo, que trouxe autores que investigam e analisam essa temática. Essa deficiência acontece por diversos fatores como, por exemplo, pensar em meio ambiente como algo que está distante, quando na verdade faz parte do cotidiano e de tudo aquilo nos cerca (Fernandes, 2017, p.3). Outro problema apontado é que a temática ambiental é veiculada apenas como um fato fragmentado e esporádico em lugar de uma visão abrangente defendido por Bueno (2007, p. 38).

Por isso, foi importante analisar como está a visibilidade do Jornalismo Ambiental em Ponta Grossa. Assim, ao voltar na pergunta inicial que norteou todo o trabalho - afinal, há visibilidade ambiental nos jornais de Ponta Grossa? - foi concluído que em termos quantitativos essa visibilidade existe, afinal ao somar as notícias publicadas no Diário dos Campos e no Jornal da Manhã, a média diária de notícias ambientais ficou em 2,9. Porém, esse número ainda é baixo perto das 511 notícias publicadas e ao analisar com mais aprofundamento os veículos, notou-se que apesar da cobertura existir, ela apresenta uma série de problemas como fragmentação e sazonalidade da notícia, o uso limitado de fontes e a dependência de governo e outras instituições para pautar o tema ambiental nos jornais.

Este trabalho é apenas um recorte para mostrar a importância da temática ambiental e como acontece a cobertura da área no município. Dessa forma, abre-se a possibilidade para outros recortes e estudos ambientais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1979.

BONA, N. C. **Jornalismo na sociedade**. Curitiba: Editora Intersaberes , 2017.

BUENO, W. C. **Os desafios do Jornalismo Ambiental no Brasil**. Portal Imprensa, 2006. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/6284/os+desafios+do+jornalismo+ambiental+no+brasil>. Acesso em: 11 out. de 2020.

BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897/8391>>. Acesso em: 16 nov. de 2020.

FERNANDES, A. L. **Jornalismo: especialização e segmentação**. Curitiba: Editora Intersaberes , 2017.

GIRARDI, I. M. T. **Um semestre muito especial: o surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental**. Jornalismo ambiental teoria e prática. Editora Metamorfose. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://jornalismoemeioambiente.files.wordpress.com/2018/09/jornalismo-ambiental-teoria-e-prc3a1tica2.pdf>>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

INPE. **Programa Queimadas**: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Disponível em: <<http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal/outros-produtos/infoqueima/home>>. Acesso em 21 de out. de 2020.

LOOSE, E. B. **Jornalismo ambiental em revistas: das estratégias aos sentidos**. Universidade Federal do Rio Grando do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em :<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21591/000738061.pdf?sequence=1>>. Acesso em 20 de out. de 2020.

LOOSE, E. B. **Jornalismo: especialização e segmentação**. [Entrevista concedida a] Alessandra Lemos Fernandes. Curitiba: Editora Intersaberes, p. 105-109, 2017.

MIGUEL, K. et al. Jornalismo especializado, conferências ambientais e processos de agendamento: a Rio+20 na Folha de S.Paulo e no O Estado de S.Paulo In: BUENO, Wilson da Costa e DOS SANTOS, Marli. Org(s). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Paulo: Metodista, 2015. p. 191-222.

ROVIDA, M. F. **A segmentação no jornalismo sob a ótica durkheimiana da divisão do trabalho social**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo , 2010. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/08-A-segmenta%C3%A7%C3%A3o-no-jornalismo-sob-a-%C3%B3tica-durkheimiana-da-divis%C3%A3o-do-trabalho-social.pdf>>. Acesso em: 23 de out de 2020.